☆ v. 12/1e2/2024

Olhares

ESCH / Revista da Escola Superior de Artes Célia Helena



Todos os personagens que fazemos na vida, atuando, a gente é na realidade também.

Zahỳ Tentehar

Olhares

Revista *Olhares* é uma publicação da Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH). As opiniões expressas nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores e a publicação de artigos e fotos foi autorizada por seus responsáveis ou representantes.

ESCOLA SUPERIOR DE ARTES CÉLIA HELENA – ESCH

Conselho editorial
André Carreira, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil
Daniele Vianello, Università della Calabria/ Università Ca' Foscari di Venezia, Italia
Fernando Mencarelli, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
Fernando Villar, Universidade de Brasília (UnB), Brasil
Gigi Dall'Aglio, Università Venezia, Italia
Luciana Hartmann, Universidade de Brasília (UnB), Brasil
Luiz Fernando Ramos, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Patrícia de Borba, Universidade Regional de Blumenau (FURB), Brasil
Renato Ferracini, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil
Ricardo Kosovski, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil
Sílvia Fernandes, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Sônia Machado de Azevedo, Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH), Brasil
Walter Lima Torres, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil

Editora
Lígia Cortez

Editor assistente
Carlos Henrique Guimarães

Projeto gráfico
Joaquim Gonçalves de Oliveira

Diagramação
Talitha Mattar

Revisão
Eleonor Pelliciari

Foto de capa
Philipp Lavra e Isadora Relvas

ISSN eletrônico 2595-6671

Pareceristas neste volume
Abel Xavier
Daves Otani
Gabriela Freire Alcofra
Miguel Eduardo Diaz Antar
Monica Santana
Simoni Boer
Yonara Dantas

☆ EDITORIAL

É com muita satisfação que apresentamos o volume 12 da revista *Olhares* que traz, pela primeira vez em nossa trajetória, uma artista indígena em sua capa: a premiada atriz Zahỳ Tentehar. Sua presença destaca a relevância de perspectivas renovadas sobre o trabalho dos artistas da cena, expandindo o horizonte de percepções e modos de conceber a performance cênica. dimensionando as possibilidades de composição de personagens e o sentido do fazer teatral a partir da cosmovisão genuína do povo indígena Tentehar, do qual Zahỳ é integrante.

Zahỳ, na seção Retrato, é a expressão e comunicação de um itinerário marcado por expor os desafios e o entendimento de culturas tão díspares: a que viveu com sua etnia e a que teve que percorrer para ser reconhecida como atriz pesquisadora. O encontro, durante a IX Semana de Arte e Sociedade promovida em maio de 2024, pela Escola Superior de Artes Célia Helena, foi fluida, instigante, provocadora.

Aprofundando uma análise sobre o trabalho de Zahỳ Tentehar, a seção Fluxo Contínuo conta com o artigo "Acoplamento e copresença xamânica na voz rapsódica da peça-poema Azira'I", de autoria do professor da UniRio, André Gardel, em que reflete sobre o espetáculo solo da atriz, afirmando a decolonização do Cânone Ocidental e do imaginário.

Escrito por três pessoas, Francis Wilker, Verônica Veloso e Glauber Coradesqui, o trabalho "Walkshop Paris: notas sobre um processo de criação com a cidade" apresenta a noção de walkshop, uma prática artística e pedagógica pautada no caminhar e no encontro com a paisagem; performers vivenciam outras formas de relação com a cidade enquanto percorrem seus espaços.

Em "Neva Leona Boyd: uma assistente social na origem da educação popular e teatral (1876 - 1963)", William Berger destaca a trajetória de uma das maiores referências do Serviço Social e da Pedagogia Teatral, revisitando a experiência da Hull House, no estado de Illinois (EUA). Foi a partir do contato com o trabalho desenvolvido por Neva Boyd que Viola Spolin pôde sistematizar e consolidar a prática de jogos teatrais para crianças e jovens, a partir dos jogos recreativos praticados com as levas de imigrantes que chegavam durante a grande depressão na Hull House.

Com "Gestão e políticas públicas culturais na região oeste da Bahia: análise dos desafios de acesso, democracia, fruição e profissionalização dos gestores culturais", Diva Bonfim destaca o que vêm enfrentando os produtores, agentes culturais, povos originários, ciganos e quilombolas em relação à promoção da diversidade cultural.

Camila Costa Melo em "Os Mouros: Otelo e Dom Casmurro, conexões e recriações" aborda conexões entre William Shakespeare e Machado de Assis, observando aproximações, distanciamentos e as possibilidades de recriação artística a partir de seus significados e sentidos.

A nova seção Novas Perspectivas Acadêmicas é dedicada a trabalhos de jovens pesquisadores em início de carreira. O espaço busca destacar olhares inovadores no campo das artes. Na estreia, Thiago Neves traz o artigo "Objeto 'dramaticional': do cotidiano à fantasia", em que aproxima *O jogo dramático infantil*, de Peter Slade, do conceito de "Objeto Transicional", de Donald Winnicott. Em seguida, Eleonora Scremin Bronzolli contribui com "A potência emocional do som: como as trilhas sonoras moldam a experiência dos ouvintes e aproximam pessoas do ambiente musical", reflexão sobre o papel expressivo da trilha sonora na criação cênica e musical.

Encerrando este volume, apresentamos a resenha de autoria de Larissa da Matta, que nos é bastante cara, pois diz respeito ao livro *Casa do Teatro de portas abertas: práticas de teatro para crianças e adolescentes*, organizado por Karina Almeida, Marcos Barbosa e Vitória Cortez; trata-se da experiência de quarenta anos da Casa do Teatro, o curso do Célia Helena voltado às crianças e adolescentes.

Desejamos uma instigante e curiosa leitura!

"